

RESENHA

GROPPO, Luís Antonio (org.). 2005. *Vamos para a festa! Turismo e festa popular*. Taubaté, Cabral Editora e Livraria Universitária.

*Eliane Guerreiro Rossetti Padovani*¹
eliane.padovani@am.unisal.br

O organizador é doutor em Ciências Sociais e professor do curso de Turismo do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, em Americana/SP, onde coordena os Trabalhos de Conclusão de Curso de Turismo. Como muitos dos trabalhos versavam sobre o tema “festa popular”, Groppo resolveu reunir alguns destes trabalhos, que passaram por um processo de revisão, edição e adequação ao formato de coletânea.

A coletânea, após uma introdução teórica sobre os aspectos do lúdico e da cultura popular presentes nas festividades contemporâneas, reúne capítulos escritos a partir de pesquisas empíricas de duas festas populares, três festas étnicas e dois eventos culturais, destacando a relação entre cultura popular, lazer e turismo. Os casos estudados, exceto dois (Festa de Nossa Senhora de Achiropita, em São Paulo/SP, e Festival de Folclore, em Olímpia/SP), pertencem à região de Piracicaba/SP: Festa de São João, Festa do Divino e Paixão de Cristo (Piracicaba), Festa dos Confederados (Santa Bárbara d’Oeste) e Festa Alemã (Limeira).

Para avaliar cada festa, já na introdução o organizador da coletânea nos dá elementos teóricos que irão servir como uma espécie de síntese, sistematização para as contribuições mais empíricas que se seguirão.

Ao analisar cada uma dessas festas, percebe-se a riqueza de manifestações culturais, ainda pouco estudadas no estado de São Paulo. A região onde se centram os estudos configura-se como uma área extremamente urbanizada, onde eclodem momentos e espaços de resistência, ou seja, ao mesmo tempo em que as informações se propagam e atingem teoricamente todos os lugares, suas comunidades e seus espaços não respondem da mesma forma a tal processo, criando idiossincrasias, procurando recuperar tradições que teimam em permanecer e aparecer nas festas, entre as quais as estudadas nesta obra.

A coexistência entre o novo com as tradições mais antigas também é enfatizada nos trabalhos. O ritmo de integração e da mistura desses elementos pode ser importante para análise, principalmente quando pretendemos analisar ócio², tempo livre e lazer.

O organizador procura avaliar o caráter revolucionário do lazer, que talvez por isso mesmo seja absorvido pelos interesses mercantis, estabelece uma crítica a esse processo e ressalta a importância desses momentos lúdicos para o reforço da identidade da comunidade, de sua relação de pertencimento com o espaço vivido. Essas festas, quando capturadas na verdadeira concepção da palavra pela comunidade, têm o poder de, ao menos temporariamente,

¹ Doutora em Geografia pela Unesp e Coordenadora do Curso de Turismo do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Unidade Americana.

² Ócio: momento em que o trabalho é suprimido (Dumazedier, 1999, p. 28).

romper com o processo de segregação vigente nas áreas urbanas, ou seja, diversas tribos ou grupos de interesse se integram e convivem durante o período em que acontece a festividade, o que não ocorre normalmente, pois a cidade é dividida e ocupada em seus espaços de lazer por públicos mais homogêneos.

As pesquisas realizadas conseguem mostrar que, apesar da importância desses eventos, muitos deles usam as tradições populares e o folclore tão-somente como matéria-prima para a mercantilização cultural. Isto acontece, na maioria das vezes, quando os mesmos atingem um maior número de pessoas, despertando interesses públicos e privados que passam a manipular simbólica e politicamente as festividades. É importante o momento em que as pesquisas mostram que esses interventores, imbuídos do desejo de dinamizá-las e torná-las mais atraentes, adotam posturas contrárias ao que é revelado como fator que motiva as pessoas a visitá-las, ou seja, o caráter popular da festa.

Dessa forma, é inegável o papel da “indústria” do turismo nesse processo, como os autores relatam, mostrando que, ao se tornar um evento de interesse turístico, são introduzidos elementos que descaracterizam total ou parcialmente a concepção inicial da festa, submetem o mundo da cultura a uma prática econômica, alimentando o imaginário, com toda a fascinação e o espetáculo do mundo da mercadoria, fixam códigos, formas de expressão, que provocam a leitura superficial desses momentos lúdicos. Alguns capítulos, no entanto, atribuem à atividade turística o impulso necessário para que as festas sobrevivam e continuem de alguma forma transmitindo um pouco das tradições locais aos visitantes.

Ao abordar uma grande diversidade de eventos, ou seja, festas caipiras e de religiosidade popular típica, festas recentemente criadas ou recriadas que (re) elaboram uma identidade de comunidades de imigrantes e até mesmo eventos de grande escala, os autores expõem diferentes elementos da composição cultural das festas que são ressaltados e outros que são comodamente perdidos. Contudo nesta análise, que muitas vezes relata as razões da descaracterização de alguns desses eventos, faltam as propostas ou as pistas que poderiam estabelecer indicativos de como as comunidades poderiam agir para restabelecer os vínculos com as tradições locais,

revelando toda a sua criatividade, que, aliás, é uma das possibilidades desses momentos: ao provocar o convívio da comunidade para a preparação das festas, recupera-se a própria humanização dessas comunidades, ou seja, a capacidade humana de criar cultura, símbolos e identidades, como diz o organizador da coletânea.

No decorrer da leitura, percebe-se também que nem todos os capítulos apresentam o real envolvimento do pesquisador, através da observação participante com a comunidade festiva, o que dificulta uma análise mais aprofundada dos reais objetivos e das potencialidades que as festas podem ter. Os autores relatam o processo de espetacularização sem propor formas para se reinventar essa trajetória, como, por exemplo, o abandono de tais eventos, para que então eles possam ser (re) criados.

Como é enfatizado, a comunidade só poderá se expressar através das festas a partir do momento em que as vivenciar. A festa torna-se então um pretexto para que se rompa, ao menos momentaneamente, a rotina cotidiana, reestruturando relações mais autênticas.

Há pesquisas de cunho antropológico e sociológico que conseguem, mesmo no nível em que foram aqui aplicadas, atingir maior complexidade e profundidade do ponto de vista teórico-conceitual e até do envolvimento com os sujeitos da pesquisa. Mas isto se explica justamente pelo fato de que são poucas as pesquisas deste tipo que versam sobre a questão da relação entre turismo e lazer *versus* festa popular. Neste sentido, a coletânea desenvolvida pelos turismólogos do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) é importante. Também se destaca a abordagem sociológica e antropológica das pesquisas, bastante procedentes para o tema e feitas corretamente, o que nem sempre é levado tão bem a cabo no campo de estudos do Turismo, que prefere abordar sobre a relevância econômico-mercadológica de eventos e atrativos turísticos.

Referência

DUMAZEDIER, J. 1999. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo, Perspectiva.